



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 695-

Pessoas trans, identidade de gênero, autopertencimento: olhar fenomenológico

Trans people, gender identity, self-belonging: a phenomenological perspective

Personnes trans, identité de genre, appartenance à soi: une perspective phénoménologique

Gleicy Braga da Costa

Izabele Silva do Nascimento

Márcia Gabriela França Gentil

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

Pessoas transgênero sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas da sociedade por subverterem os padrões de papéis de gênero. Os mais variados tipos de violência são impetrados, contudo, a discussão permanece à margem, literalmente periférica, principalmente na esfera das políticas públicas. Entretanto, elas conseguem ir além do fato e redimensionam seu olhar sobre si mesmas e sobre a vida. Desse modo, a presente pesquisa mostra-se relevante nessa temática devida exiguidade de referencial teórico e a lacuna de conhecimento no cenário da região norte do Brasil. Portanto, este projeto objetivou compreender a percepção de pessoas transgênero acerca de sua historicidade e seus modos de enfrentamento e superação. A pesquisa tem caráter qualitativo, descritivo e exploratório e utilizou os parâmetros do método fenomenológico da pesquisa em psicologia. A obtenção dos dados foi realizada através da entrevista fenomenológica áudio gravada. A entrevista partiu de questão norteadora e apresentou desdobramentos onde foram identificados sentidos e significados dos discursos. Foram considerados participantes 3 pessoas transgênero e a análise dos dados ampara-se no referencial teórico do filósofo alemão Martin Heidegger. Foram elaboradas 5 categorias de análise: 1. Ser reconhecido como quem eu realmente sou; 2. O medo da violência: a violência por meio das palavras e indagações; 3. O atendimento psicológico como apoio; 4. A importância da rede de apoio; 5. Meu conselho: seja você mesmo apesar de tudo. Conclui-se que o enfrentamento e superação de situações transfóbicas, preconceituosas e discriminatórias possibilita que as pessoas possam ir



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

além de sua orientação sexual e identidade de gênero e se percebam como seres de possibilidade, inclusive com a capacidade de contribuir para que o outro que está em sofrimento, possa enfrentar e seguir adiante. Da impossibilidade se fez possibilidade.

Palavras-chave: Transfobia; enfrentamento; superação; LGBTQIAPN+; método fenomenológico, psicologia fenomenológico-existencial

Abstract

Transgender people suffer constant violence, being stigmatized and marginalized by society for subverting gender role patterns. The most varied types of violence are filed, however, the discussion remains on the sidelines, literally peripheral, mainly in the sphere of public policies. However, they manage to go beyond the fact and re-dimension their view of themselves and life. Thus, the present research proves to be relevant in this theme due to the narrowness of the theoretical framework and the knowledge gap in the scenario of the northern region of Brazil. Therefore, this project aimed to understand the perception of transgender people about their historicity and their ways of coping and overcoming it. The research has a qualitative, descriptive and exploratory character and used the parameters of the phenomenological method of research in psychology. Data collection was carried out through audio-recorded phenomenological interviews. The interview started with a guiding question and presented developments where senses and meanings of the speeches were identified. Three transgender people were considered participants and data analysis is based on the theoretical framework of the German philosopher Martin Heidegger. 5 categories of analysis were elaborated: 1. Being recognized as who I really am; 2. The fear of violence: violence through words and questions ;3. Psychological care as support; 4. The importance of the support network; 5. My advice: be yourself no matter what. It is concluded that facing and overcoming transphobic, prejudiced and discriminatory situations allows people to go beyond their sexual orientation and gender identity and perceive themselves as beings of possibility, including the ability to contribute so that the other who is in suffering, can face and move forward. The impossibility became possibility.

Keywords: Transphobia; coping; resilience; LGBTQIAPN+; phenomenological method, phenomenological-existential psychology

Résumé

Les personnes transgenres souffrent d'une violence constante, sont stigmatisées et marginalisées par la société pour avoir renversé les modèles de rôles de genre. Les violences les plus variées sont déposées, cependant, la discussion reste à l'écart, littéralement périphérique, principalement dans la sphère des politiques publiques.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Cependant, ils parviennent à aller au-delà des faits et à redimensionner leur vision d'eux-mêmes et de la vie. Ainsi, la présente recherche s'avère pertinente dans ce thème en raison de l'étroitesse du cadre théorique et du manque de connaissances dans le scénario de la région nord du Brésil. Par conséquent, ce projet visait à comprendre la perception des personnes transgenres sur leur historicité et leurs façons de faire face et de la surmonter. La recherche a un caractère qualitatif, descriptif et exploratoire et a utilisé les paramètres de la méthode phénoménologique de recherche en psychologie. Les données ont été recueillies par le biais d'entretiens phénoménologiques enregistrés sur support audio. L'interview a commencé par une question directrice et a présenté des développements où les sens et les significations des discours ont été identifiés. Trois personnes transgenres ont été considérées comme participantes et l'analyse des données est basée sur le cadre théorique du philosophe allemand Martin Heidegger. 5 catégories d'analyse ont été élaborées : 1. Être reconnu comme qui je suis vraiment ; 2. La peur de la violence : la violence par les mots et les questions ; 3. Soins psychologiques comme support ; 4. L'importance du réseau de soutien ; 5. Mon conseil : sois toi-même quoi qu'il arrive. Il est conclu que faire face et surmonter des situations transphobes, préjugées et discriminatoires permet aux personnes d'aller au-delà de leur orientation sexuelle et de leur identité de genre et de se percevoir comme des êtres de possibilité, y compris la capacité de contribuer pour que l'autre qui souffre, puisse faire face et bouger avant. L'impossibilité est devenue possibilité.

Mots clés : Transphobie ; faire face ; résilience ; LGBTQUIAPN+ ; méthode phénoménologique, psychologie phénoménologique-existentielle

É observado nos últimos anos o crescente debate no que diz respeito aos direitos da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários (LGBTQUIAPN+). Toda essa conquista tem sido fortemente marcada por coragem, luta e resistência. Como asseveram Sampaio & Germano (2017) esse caminho tem sido vivido sob o viés da dificuldade e a exclusão a direitos básicos dessa população, tais como saúde e educação, o que tem afetado sua qualidade de vida.

Uma vitória creditada à comunidade é o reconhecimento da união homoafetiva em nosso país pelo Superior Tribunal Federal (Brasil, 2011b) que possibilitou efeitos jurídicos daí decorrentes, tais como:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

direito à herança, inclusão de dependentes em planos de saúde, alteração do registro civil por travestis e pessoas trans independentemente de cirurgia de redesignação genital, laudos de equipe multidisciplinar e ação judicial (Brasil, 2018).

Foram retirados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os termos transexualismo e travestismo da Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Entretanto, deve-se considerar a necessidade de pesquisas científicas sobre esses grupos, especialmente no que concerne à escuta e as vivências propriamente ditas, o que nos levou a desenvolver este estudo com foco na população transgênero.

O último relatório da Transgender Europe, informa que entre 2008 e 2015 foram reportadas 2.016 notificações de homicídios de pessoas transgênero no mundo, sendo que em nosso país, foram notificadas 802 mortes, o que nos coloca como um país com mais assassinatos do mundo em números absolutos (Transgender Europe, 2016). Mole (2019) revela que na Rússia, uma ação de Putin reverberou internacionalmente ao publicar um projeto de lei que impedia a propaganda do que chamam “produtos de relações sexuais não convencionais”.

No Brasil, a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais mapeou no ano de 2017, 179 assassinatos de pessoas trans ocorridos em nosso país. Contudo, temos casos de subnotificação e isso aumenta a expectativa do quadro real haja vista que, não há na legislação brasileira a tipificação do crime no que tange a identidade de gênero (ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018).

Existe escassez de pesquisas nessa temática na região Norte do país, especificamente em Manaus. Daí, a justificativa em realizar tal pesquisa que buscou compreender a percepção de pessoas transgênero acerca de sua historicidade e seus modos de enfrentamento e superação, sob olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. O



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estudo justifica-se pelo pioneirismo em levantar conhecimento ao redor do tema, o que pode ser pontapé para outras pesquisas, quantitativas e/ou qualitativas complementares, que deem origem ou aprimorem estratégias para o acompanhamento de grupos de pessoas transgênero em situação de vulnerabilidade.

Outro aspecto relacionado ainda à relevância da investigação, diz respeito a que estudos com esta natureza poderão suscitar a discussão na formação em Psicologia e áreas afins, possibilitando alicerçar o conhecimento e redimensioná-lo no que concerne ao estudo de gênero e diversidade sexual.

Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que a pessoa trans conseguiu ir além da violência a que foi submetida e, dessa forma, lançou mão de estratégias de enfrentamento que a fizeram seguir. Esse movimento a retirou do contexto fragilidade e vulnerabilidade existenciais.

Neste momento, *problematizamos* a proposta de projeto em epígrafe: Quais estratégias foram utilizadas para superar situações de preconceito e discriminação? A partir deste momento, é trazida temática de modo mais amplo.

Definição de Transgênero

Transgênero, de acordo com a Associação Americana de Psicologia – APA (2014), é um termo genérico utilizado para pessoas cuja identidade de gênero, expressão de gênero e comportamentos não condizem com o que está tipicamente associado com o sexo ao qual foram designados no momento do nascimento. Identidade de gênero refere-se ao senso interno de uma pessoa de ser homem, mulher ou outra coisa; expressão de gênero refere-se ao modo como uma pessoa comunica sua identidade de gênero aos outros através de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comportamento, roupas, cabelo, voz ou características corporais (APA, 2014).

“Trans” é às vezes utilizado como uma forma abreviada para “transgênero”. Ao passo que transgênero é geralmente um bom termo para ser utilizado, nem todas as pessoas cuja aparência ou comportamento são desviantes ao padrão de gênero vão se identificar como pessoas transgênero. O modo como se fala de pessoas transgênero na cultura popular, na academia e na ciência está em constante mudança à medida em que a consciência individual, conhecimento e abertura sobre pessoas transgênero e suas experiências crescem (APA, 2014).

O fenômeno transgênero está fundamentado na não-conformidade com a norma de gênero, não se tratando apenas de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação, discordância, desvio ou não-conformidade com aparelho binário de gênero, existente em todas as identidades gênero-divergentes (Lanz, 2014). De acordo com Jesus (2012), o sexo é biológico e o gênero é social, construído pelas diferentes culturas, e vai além do sexo, de modo que o que importa, quando são definidos o que é ser homem e o que é ser mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como o indivíduo se expressa socialmente.

Em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser delimitados em “transgênero” ou “cisgênero”, onde cisgênero são as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no momento do nascimento (Jesus, 2012). Cisgênero tem sua origem no prefixo latino “cis”, que se traduz como “deste lado”, enquanto que o prefixo “trans” se traduz como “do outro lado” (Modesto, 2013). O indivíduo “cisgênero” é aquele que se encontra bem ajustado ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que lhe foi atribuída ao



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nascer, em função de seu órgão genital exposto, ou seja, este indivíduo está de acordo e se sente confortável com as normas de conduta de gênero instituídas pelo contexto sócio-histórico em que se encontra. Ao passo que os indivíduos transgênero não se sentem conformes, mas constrangidos, desconfortáveis e/ou desajustados dentro da categoria de gênero (homem ou mulher) que receberam ao nascer – desta forma, são obrigadas a “transgredir” as normas de gênero que lhe foram impostas para que enfim possam expressar a identidade de gênero a qual se identificam e se reconhecem (Lanz, 2014).

Para que seja garantida a legitimidade dos sujeitos e para que seja construída a materialidade dos corpos, as normas regulatórias de gênero e sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Estas normas são invenções sociais e, tal como qualquer outra norma, os sujeitos podem tanto reafirmá-las quanto tentar escapar delas. A partir desta afirmativa, travestis e transexuais, de algum modo reinventam seus corpos e buscam escapar desta normativa que é imposta ao seu sexo e/ou gênero (Longaray & Ribeiro, 2016).

Transfobia

Homens e mulheres transexuais, e as travestis tem em nosso país um espaço inexistente, cheio de exclusão, falta de acesso a direitos civis básicos e não tem sequer o reconhecimento de sua identidade. São cidadãos e cidadãs que têm seus direitos básicos negados, direitos esses que são fundamentais como o direito à vida, que infelizmente acaba sendo ameaçado diariamente (Jesus, 2012).

Segundo a Organização Internacional Transgender Europe, entre 2008 e 2011 trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil (sendo a maioria mulheres transexuais e travestis). Estes dados se tornam mais triste quando comparados com os dados do ano de 2020 que ainda não se encerrou, já que segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) através do boletim N^o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

03/2020 mostra que ocorreram 89 assassinatos de pessoas trans no primeiro semestre de 2020 no Brasil, caracterizando um aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado.

Segundo Jesus (2012), os crimes direcionados às pessoas trans repetem os padrões de crimes de ódio, que são motivados por preconceito contra pessoas de grupos socialmente desprotegidos, minorias e parte de grupos discriminados, os crimes cometidos são caracterizados como sendo hediondos pela forma que acontecem, sendo muitas vezes por várias facadas, apedrejamento e sendo atingidos pelas costas.

Longaray e Ribeiro (2016) afirmam que transexuais e travestis são alvo do que chamam de investigação e análise do anormal, por serem entendidos como corpos abjetos, por serem considerados por muitos como aberrações por desafiam a heteronormatividade, ou seja, são produzidos fora da inteligibilidade social e incoerentes com relação à normativa vigente e hegemônica. Desta forma, provocam repulsa na sociedade, na maioria das vezes.

Transexualidade e o acesso às Políticas Públicas

A portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT) com o objetivo geral de promover a saúde integral da população LGBT, eliminando a discriminação e o preconceito institucional e contribuindo para a redução das desigualdades e para consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo.

O acesso à saúde pública, apesar de ser um direito a todos, como bem lembra a Constituição Federal, ainda sim apresenta dificuldades para grande parte das minorias, estando incluso os transgêneros com a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

escassez de profissionais especializados a entender à demanda desta população e sua discriminação em ambientes já conquistados.

Há também a ressalva de que isto foi uma mudança que visa uma saúde igualitária, o que pode também acabar dando destaques às diferenças, como diz Pelúcio (2011). A autora dá o exemplo da criação do Ambulatório para Travestis e Transexuais pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, que por um lado é um projeto que proporciona um espaço separado e específico para atender essa população com pessoas preparadas para atendê-las porém o problema se mostra quando se cria uma UBS (Unidade Básica de Saúde) específica para travestis e transexuais e não procurou pluralizar as outras UBS já existentes para atender a todos sem discriminação e se preferiu construir um específico que acaba isolando pessoas que já estão sendo isoladas a anos.

De acordo com as leis, nova resolução nº 2.265 do Conselho Federal de Medicina de janeiro de 2019, apresentaram novas determinações do entendimento dos conceitos de transgênero, transexual e travestis, bem como a forma que se dará esses atendimentos voltadas à demanda desta população, especificando cada parte desse processo aos indivíduos transgêneros como se apresenta o art. 4º:

Art 4. A atenção especializada de cuidados específicos ao transgênero de que trata esta Resolução deve contemplar o acolhimento, o acompanhamento ambulatorial, a hormonioterapia e o cuidado cirúrgico, conforme preconizado em Projeto Terapêutico Singular norteado por protocolos e diretrizes vigentes. (CFM, 2019).

Por tratar-se de um assunto de recentes pautas e movimentações pela busca de seus direitos, há um desacordo muito grande em relação ao entendimento por parte da sociedade, principalmente pelo Brasil ter uma base, em especial, muito forte da religiosidade, e isso causa muito



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

preconceito sobre diversos assuntos, particularmente sobre assuntos de gênero e sexualidade; e, atualmente, tem uma participação grande de posicionamentos políticos.

Processo Transexualizador

O processo até a cirurgia é um caminho logo, pois não parte apenas da escolha do indivíduo transgênero para que ocorram as decisões quanto ao seu corpo, mas também conta com a participação de toda uma equipe e várias etapas até o seu destino final. O Conselho Federal de Medicina, em 2019, apresentou em 20 de Setembro, a resolução nº 2.265 com reajustes quanto ao processo transexualizador perante a lei brasileira, contando com detalhes a sequência desses estágios.

Como primeiro estágio, apresenta o Projeto Terapêutico Singular (PTS) que “deverá ser elaborado é um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, resultado da discussão de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar com o indivíduo, abrangendo toda a rede assistencial na qual está inserido e contemplando suas demandas e necessidades independentemente da idade”. (CFM, 2019)

O PTS aparece com um olhar humanizado quanto às questões dos indivíduos transgêneros, além de apresentar, na elaboração desse projeto:

- e) deverá constar a existência do histórico patológico, proporcionando os devidos encaminhamentos necessários;
- f) considerando a fase peculiar do desenvolvimento, as ações sugeridas pelo PTS deverão ser construídas com crianças, adolescentes e seus pais ou responsável legal.

Fenomenologia de Martin Heidegger

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

Heidegger (2013) apresenta ainda outro termo: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do Ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo. Distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser (Castro, 2009; 2017; 2020, 2022).

O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O *Dasein*, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2013) é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo, angustia-se. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (Castro, 2009; 2017; 2020, 2022; Pereira & Castro, 2019; Soares & Castro, 2020;).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sabemos que a contemporaneidade tem sido marcada por mudanças e/ou transformações profundas na vida das pessoas. Entretanto, mesmo diante de tanto conhecimento, a sexualidade continua a ser tabu e vista com reticência pela maioria. Contudo, torna-se necessário compreender a vivência da pessoa trans que conseguiu ir além destes fatores acima elencados. Torna-se, a nosso ver, premente compreender a percepção de homens e mulheres trans acerca de sua trajetória de vida. Para isso, será utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e a análise sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger.

Material e Método

- **Delineamento da pesquisa**

Este estudo é uma abordagem qualitativa com método fenomenológico e se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Fonseca, 2002; Minayo, 2014; Meira & Castro, 2022). Assim, esse tipo de pesquisa é focado no trabalho com os significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia segue o conceito epistemológico de consciência intencional e tem por critério fundamental a busca, tanto quanto possível, da obtenção de descrições detalhadas e concretas das experiências dos participantes. (Giorgi & Souza, 2010; Pereira & Castro, 2019; Meira & Castro, 2022).

- **Instrumento da pesquisa**

A entrevista, sob o viés fenomenológico, audiogravada, deu-se a partir de uma questão norteadora-disparadora da conversação, e apresentou possibilidade de desdobramentos, o que nos fez aprofundar a investigação, de modo que se procedeu às descrições, como as



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

lembranças lhes surgem à consciência, objetivando-se chegar ao significado dessas vivências dos sujeitos que as protagonizaram. Foram em média de 60 minutos de duração cada entrevista.

● **Procedimentos**

Após a obtenção de aprovação no Comitê de ética (CAEE), foi realizado nas redes sociais dos pesquisadores enquetes acerca da possível participação na pesquisa, tendo sido aquiescido por 3 (duas) pessoas autodeclaradas transgênero. Foi proposta de estudo realizado para conhecer a historicidade relativa a cada um dos possíveis participantes. Para tanto, fez-se necessário explicitar aos participantes a importância de sua participação na pesquisa e o acordo estabelecido por meio da assinatura do TCLE por ambas as partes, assegurando a idoneidade da pesquisa e seu compromisso com a relevância social, acadêmica e com os próprios participantes.

a) Assim, a seguinte questão fora utilizada enquanto disparadora para a investigação: **“Gostaria que você falasse sobre como foi tua trajetória até se tornar quem você é. Como é olhar para trás?”**.

● **Obtenção das entrevistas**

A coleta de dados desta pesquisa seguiu a proposta fenomenológica de investigação em psicologia utilizando-se do método de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), constituído por uma componente descritiva em quatro passos, para obter, analisar, categorizar e significar as narrativas de cada participante entrevistado. As etapas metodológicas encontram-se descritas categoricamente a seguir.

● **Método Fenomenológico Psicológico de Giorgi**



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

1º Passo: *Estabelecer o sentido do todo:* após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde o investigador coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Aqui, o objetivo principal é obter um sentido da experiência na sua globalidade.

2º Passo: *Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado:* o investigador retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica e como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se esse tipo de análise como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado).

3º Passo: *Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico:* a linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum é transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes.

4º Passo: *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos:* o pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. São as Categorias Temáticas.

- **Participantes**



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Foram considerados, primeiramente, vinte pessoas trans enquanto participantes da pesquisa, entretanto, cabe-nos esclarecer que os dados obtidos e demonstrados nesta pesquisa evidenciam três participantes trans que atenderam aos critérios estabelecidos, uma vez que foram os que responderam afirmativamente à participação voluntária na pesquisa e que devido à pandemia de COVID-19, encontramos dificuldades nessa seleção para que atingisse o número proposto no projeto.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Estado civil	Formação
Urso	20 anos	Solteiro	Estudante de ciência da computação
Pato	22 anos	Solteiro	Estudante de serviço social
Vaga-lume	30 anos	Solteira	Psicóloga

● Pseudônimos (Sujeitos da Pesquisa)

Consideramos, no percurso das entrevistas, a utilização de pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes no momento imediatamente anterior à explicitação da pergunta norteadora. Outro ponto a ser considerado, no que tange a utilização de pseudônimos é a manutenção do sigilo profissional das informações que possam vir a identificá-los e causar-lhes quaisquer constrangimentos e/ou trazer malefícios mediante exposição pessoal em uma pesquisa científica.

Resultados e Discussão

A partir deste momento, segue-se, metodologicamente, à luz da fenomenologia heideggeriana, as análises descritivas dos dados obtidos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quando da pesquisa em campo, categorizando-se sistematicamente e reproduzindo excertos, na íntegra, das conversações entre pesquisador e entrevistados, passando-se após para as considerações teóricas do autor.

Seguindo, embasado no que a metodologia proposta apresenta, trago as categorias temáticas resultado do primeiro momento de análise, conforme pressupõe Pereira & Castro (2019) e Giorgi & Souza (2010). Foram elaboradas cinco categorias elencadas a seguir.

1. Ser reconhecido como quem eu realmente sou

Desde o início da infância, o reconhecer-se como é começa a ser transformado. Primeiro temos um olhar mais generalizado através daqueles que cuidam de nós, afinal, não há uma consciência concreta já na primeira infância de quem somos e o que fazemos no mundo, portanto, este olhar que o outro tem sobre nós é a única forma que conseguimos nos identificar no mundo, saber que existimos e, assim, é a forma que começamos a aprender e apreender sobre tudo.

Na adolescência a busca pela identidade passa a ser mais ativa, por isto, as mudanças físicas e de olhar sobre o mundo nos fazem perceber as coisas através do nosso próprio olhar, não é mais aquele apoiado por meio de outras pessoas. Passa-se a definir gostos, sejam musicais, formas novas de se vestir, as primeiras paixões e, portanto, há o empenho em se encontrar no mundo como aquilo que realmente é.

De acordo com Silva e Hall (2013, p. 9), a identidade sempre será marcada pela diferença e se sustenta pela exclusão e o corpo é um dos principais elementos envolvidos nos pontos que definem identidade. Isso fica evidente quando Vagalume, de 30 anos, fala sobre como começou a se perceber ao dizer:

Eu comecei a me reconhecer como **Vagalume** quando eu comecei a me maquear, a usar as roupas [...] quando eu comecei a investir



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em mim que eu comecei a perceber que era muito além do que a mídia, do que as pessoas falavam

Outro fator primordial para a aceitação da identidade da pessoa trans é o uso do pronome a qual eles se identificam. Segundo Jesus (2012), o modo como escrevemos ou nos referimos às pessoas trans é um fator essencial de reconhecimento de cidadania já que muitas vezes termos errados e preconceituosos são usados para se referir às pessoas trans e travestis e isso se mostra na fala de Urso sobre como o pronome traz uma sensação de validação.

[...] Para algumas pessoas o pronome ele pode não significar muito, mas pra gente significa né? Significa, faz parte da nossa identidade e traz a sensação de validação (**Urso, 20 anos**)

Conforme nos revela Castro (2021, 2022) ao lançar a proposta da perspectiva dos Três Olhares na clínica de inspiração fenomenológica, o olhar sobre si mesmo para por redimensionamentos em virtude às circunstâncias e/ou situações que nos vem à vida. Assim, pode-se lançar um olhar disfuncional ou distorcido sobre si mesmo a partir desse locus em que foi inserido. Entretanto, no momento em que percebemos a importância desse olhar para além do que o outro pensa ou deixa de pensar, quando toma para si mesmo as rédeas do próprio viver, esse olhar se reveste por generosidade, por segurança, por saber-se quem se é verdadeiramente. E o que ocorre na vida de nossos participantes? Ao se maquiar percebe-se a si mesmo, quando é chamado pelo pronome, compreende-se para além do ser quem é e passa a viabilizar o ser em quem se tornou.

2. O medo da violência: violência por meio das palavras e indagações

Apesar de que o ato de se assumir seja um ato de apropriação da sua identidade, de ser quem realmente é, é com a afirmação da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

identidade que vem o medo do preconceito e da violência, sendo muitas vezes algo que muda a rotina de suas vidas para tentar se proteger, o que fica explícito quando o participante diz:

[...] eu já tive situações em que eu me senti perseguido, teve um uber que ele veio o caminho inteiro falando e me perguntando se eu sou homem ou sou mulher, com quem eu tinha perdido a minha virgindade, se eu gostava de homem ou de mulher, sabe, como se a gente fosse simplesmente um objeto [...] (**Urso, 20 anos**)

A forma em que este diz que se sente como se fosse “um objeto” deixa muito claro o quanto essa é uma forma de violência que afeta toda a sua forma de ver a si, trazendo à tona que as normas sociais têm um grande peso na forma que é visto pelas outras pessoas, esse olhar do outro sobre si, que afetam sua autoimagem e o deixa mais vulnerável a futuras violências, sendo que está mais associada à violência psicológica, porém, o medo da violência física ainda é muito presente.

Outro participante traz o quanto a decisão de ser quem é afetou seu estilo de vida de forma radical, afinal, identificar-se como o gênero que é diferente do seu sexo vai de encontro com preceitos religiosos impostos em nossa sociedade, portanto, o medo não é apenas de não respeitarem seu pronome ou falarem seu nome-morto, mas também de sentir-se indefeso:

[...] Depois que eu me identifico trans eu passei um ano sem pegar ônibus, eu não saía de casa sem o meu pai e minha mãe do lado, porque eu geralmente costumo usar roupas "masculinas" [...] e eu tinha muito medo de apanhar na rua, né? Porque eu sou magrinho, aí a pessoa me dá um murro eu caio no chão e a gente vê muito isso acontecendo [...] (**Pato, 22 anos**)

Para Stotzer (2007), o grande número de crimes de ódio cometidos contra o grupo formado por pessoas transexuais e travestis é dado principalmente pela falta de proteção social a esse grupo. Zerbatini



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(2019) reitera que o comportamento transfóbico se manifesta através de opiniões negativas, de agressões físicas, verbais e psicológicas, de exclusão social (ao negar os direitos básicos), agressões manifestadas direta ou indiretamente usando um discurso binário afim de reforçar que o gênero é aquele que do sexo biológico.

[...] eu já recebi comentários de colegas de faculdade em que eles chegavam me perguntando [...] como eu posso dizer [...] como que a gente fazia para esconder o negócio da gente [...] (**Vagalume, 30 anos**).

Heidegger (2013) consubstancia que nosso cotidiano é totalmente preenchido pelo Outro que caminha a meu lado. O ser-com. Entretanto, a experiência dos participantes no que tange ao Outro nos traz vivências onde o medo, o temor de relacionar-se com outras pessoas é algo muito presente, pois há vários tipos de violência impetrado contra eles em decorrência de sua identidade de gênero. Ocorre o isolamento, a solidão, que este autor nomina como um ser-com-deficiente. Não há troca, não existe reciprocidade, há disfuncionalidade relacional que na concepção de Castro (2022) lança a pessoa em uma vivência de dor e sofrimento contínuos.

3. O atendimento psicológico como apoio

O acompanhamento psicológico é muito importante no processo de assistência às pessoas trans, pois, segundo Silva (2020), desde o momento que passam a apresentar aos outros sua verdadeira identidade de gênero, as pessoas trans passam a sofrer diversas formas de violência e, segundo Souza (2016), na pesquisa “Os Homens Trans no Brasil: as políticas públicas e a luta pela afirmação de suas identidades” deixa evidente que os dados alarmantes de que 66,4% dos homens trans que participaram da pesquisa disseram terem pensado em suicídio.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

[...] hoje em dia eu faço acompanhamento psicoterápico, né? pra me ajudar com as questões e também fui encaminhado para o psiquiatra, pois eu andava tendo muitos pensamentos suicidas... tava me machucando. Da última vez meu amigo teve que me impedir [...] **(Pato, 22 anos)**

A importância de ser atendido por alguém que entende de suas questões é muito significativo, pois, ao contrário disso, pode causar mais danos àquele que já está em determinado estado de fragilidade emocional acentuada, propenso a pensar em alternativas extremas para cessar a própria dor dos ataques que sofrem todos os dias, logo, os atendimentos feitos por profissionais que entendem as causas têm benefícios que ficam claro na fala dos participantes.

[...] eu me dou muito bem com a minha terapeuta [...] nossa ela me entende bastante, ela procurou ler bastante sobre identidade de gênero e isso pra mim foi muito importante porque desde o início eu falei para o meu pai que eu queria fazer psicoterapia mas fazer com alguém que me entendesse [...] **(Pato, 22 anos)**

Este trecho também deixa nítido o quanto os profissionais precisam estar sempre atualizando-se sobre as questões sociais, principalmente quando esses temas fazem parte de uma questão de saúde pública e, como agentes ativos na luta contra o preconceito, baseado no Código de Ética da Psicologia (2005), evidencia-se desde o primeiro artigo a manifestação de que a atuação do psicólogo tem o dever de pautar-se como um trabalho que busque pelo respeito e liberdade de quaisquer que sejam.

Ainda mais por serem uma população de extrema invisibilidade e de micro violências que ocorrem através de falas mascaradas de brincadeiras e curiosidades, o acompanhamento psicológico vem como uma forma de promoção e melhoria de sua qualidade de vida, pois as questões que, antes lhe eram tão dolorosas e difíceis de serem



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

colocadas em palavras, passam a ser compreendidas e, desta maneira, sua visão de mundo e possibilidades passam a ser transformados, evidenciando seu aspecto de luta contra a discriminação.

[...] graças a Deus eu tenho acompanhamento psicológico e acho que isso me ajudou a olhar essas coisas e a ir me conhecendo cada vez mais e a impor limites, sabe? Tipo, eu passei por uma situação que não foi legal e eu não me permite passar de novo por isso, sabe? Não permitir que as pessoas me desrespeitem [...] (**Urso, 20 anos**)

Estes aspectos nos lembram Os Princípios de Yogyakarta (2019) no que tange a aplicação de direito internacional dos Direitos Humanos em relação à sexualidade, orientação e identidade de gênero, elaborado em 2006 e lançado em 2007. Essa proposta tem desempenhado um importante papel na promoção dos direitos de pessoas LGBTQIAPN+ ao redor do mundo através do aplicativo de Direito Internacional dos Direitos Humanos. E neste, o papel do acompanhamento psicológico é compreendido como fundamental, haja vista o quadro de alto comprometimento psicológico a que estas pessoas são submetidas.

O olhar se volta para si mesmo sem justificativas, sem auto denegrir-se. O acompanhamento psicológico torna-se, de fato, um parâmetro de autocuidado, facultando esse retorno ao ser-si-mesmo, ao ser-que-se-quer-ser, potencializando sua capacidade de enfrentamento das situações factíveis a que se torna exposto em virtude à sua identidade de gênero e as consequências daí originadas. Para Castro (2022), ao psicólogo cabe a vivência do que este autor nomina como mergulho existencial com esse outro no encontro que se caracteriza a relação psicoterápica, possibilitando o autorresgate do existir, o que significa dizer que a partir da configuração relacional que aí se estabelece, a pessoa passa a olhar para si mesma como potência, como possibilidade. Daí, o enfrentamento, a segurança emocional, o dever como ser.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

4. A importância da rede de apoio

Desde o primeiro contato com o mundo, após o nascimento, passamos a estar rodeados de grupos sociais bem formados, evidenciando-se primeiramente pela família, aquela que temos um contato mais próximo para que as regras sociais sejam repassadas. Após isto, é na escola que outros grupos sociais serão formados e, a partir disto, novos laços firmados e de confiança, tornando-o um lugar seguro para abrir-se e ser quem gostaria de ser com aqueles que conviverá, por diversas vezes, até a fase adulta.

À vista disto, o ato de se assumir é carregado por um receio de que pessoas queridas se afastem, o que causam sofrimentos psicológicos que se intensificam ao imaginar suas possíveis reações, carregada de angústias de que ocorra, provavelmente, a perda de amigos que também são uma rede de apoio nesta caminhada de descobrimentos e busca pela afirmação de sua identidade, o que torna assustador todas essas possibilidades, algo presente na fala de Pato (22 anos):

[...] Quando eu contei para as minhas amigas da faculdade eu fiquei com muito medo, pois elas eram da igreja, e querendo ou não, dá um medo porque você já vai se preparando para perder um laço, mas no final eu fui muito acolhida por elas, até mudaram o nome do grupo que tava na linguagem feminina para uma mais inclusiva.

Há um reforçar maior deste medo quando deixa claro que sua rede de apoio “eram da igreja” consequência do pensamento de que a transexualidade é algo pecaminoso e que deve ser combatido, algo visto fora da curva do normal da sociedade brasileira. Entretanto, é a partir do acolhimento das pessoas ao redor que há a criação de uma rede de apoio que, segundo Brito e Koller (1999), virá a ser um conjunto de pessoas e sistemas significativos que vão compor elos de relacionamentos percebidos e recebidos e ainda afirmam que o vínculo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nessas relações pode desempenhar diferentes papéis que vão permitir o indivíduo a se desenvolver seja de forma individual ou social.

[...] então desde que eu me assumi e estou passando por essa vivência eu acho que o mais importante tem sido ter uma rede de apoio, sabe? Amigos

que estejam ali e falem 'eu entendo, eu também estou passando por isso e aquilo' e a gente vê que a gente não está sozinho, mas é difícil é muito difícil é complicado demais e eu nem sei muito bem como explicar porque assim. (Urso, 20 anos)

Bowlby (1988) diz que uma rede de apoio efetiva é aquela que vai estar ligada a prevenção da violência e sentimento de pertencimento, e isso podemos ver na fala de todos os participantes.

[...] Tipo eu acredito que as pessoas mais próximas a mim são pessoas que me entendem e a minha rede de apoio são esses meus amigos e às vezes eu vou ligando um ao outro [...] Que são pessoas que sabe que vão entender a gente, que vão ajudar a gente, então eu apresento um ao outro e no final a gente está ali todo mundo junto e aí vamos sair pra tal canto, vamos pra tal festa, vamos no shopping, e aí a gente compartilha né sobre o que está acontecendo na nossa vida e vai se ajudando mesmo (Urso, 20 anos)

[...] quando a gente teve que voltar presencial eu me senti muito nervoso, mas até hoje eu lembro da frase da minha amiga me dizendo que se alguém viesse pra cima de mim, todo mundo entrava na briga e apanha todo mundo junto e, nossa, eu me senti tão acolhido ali naquele momento (Pato, 22 anos)

[...] você vai encontrar no seu caminho pessoas que vão te ajudar, pessoas que vão te dar apoio, não é só um apoio emocional, mas é um apoio em todos os sentidos e vai encontrar pessoas que vão te criticar e dizer que é só uma fase (Vagalume, 30 anos)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mendos (2019) no estudo organizado para a International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (ILGA, 2019) mostra a importância dessa rede de apoio para as pessoas trans que passam por várias situações em que sua saúde mental está muito comprometida. O outro é importante para mim, inclusive para manter-me na caminhada cotidiana plena em intersecções relacionais dinamizadoras de dor e sofrimento. Nessa obra, temos estudos realizados em todos os continentes,

5. Meu conselho: seja você mesmo apesar de tudo

A caminhada da pessoa trans é longa e de um enfrentamento de várias violências que vão desde de a recusa a direitos básicos, a serem alvos de piadas até a violência que os mata, mas eles nunca desistem da luta pelos direitos de ser eles mesmos, como diz Jesus (2012) sem respeitarmos a identidade de cada um, nunca garantiremos a cidadania das pessoas e, assim, calam as pessoas, seus sonhos, seus direitos e aumentamos os desafios a serem enfrentados. É por isso que cada fala traz que não se deve desistir, pois nada nunca será melhor do que poder ser quem você realmente é.

Não é nada fácil lutar pra ser quem a gente é, mas que não tem coisa melhor do que ser a gente mesmo, é satisfatório, traz uma paz saber que a gente consegue e que a gente não deve ser quem as pessoas querem que a gente seja, sabe? Enfrentar isso todos os dias por mais doloroso e difícil que seja é bom e deixa a gente mais feliz
(Urso, 20 anos)

Mesmo que a pessoa que você mais ame negue sua existência, saiba que você não precisa de ninguém pra dizer que você existe [...] mesmo que ninguém te queira, te expulsem, tenta aguentar não pelos outros mas por ti mesmo, pois a vida é cheia de espinhos
(Pato, 22 anos)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pode-se inferir com Castro (2020, 2021, 2022) que apesar das dificuldades pelas quais têm passado, essas pessoas conseguem lançar um olhar sobre o Outro de modo mais generoso. Apesar do desamparo, do desespero e da desesperança em que muitos Outros os lançaram, conseguem possibilitar-se cuidar daqueles que estejam passando pelas mesmas situações de degradação, violências, violações. Conseguem expressar a máxima de Heidegger (2013) ao nominar que somos ser-no-mundo e, ser-no-mundo é ser-de-Cuidado.

Considerações finais

Como pesquisadores e cidadãos não podemos fingir que não sabemos o quanto o país ainda é um lugar extremamente perigoso pra se ser uma pessoa trans e por isso é nosso dever contribuir de forma a diminuir o sofrimento devido a essas vivências de violência e sofrimento, principalmente legitimando-os e lutando, juntamente, para a ocupação de mais espaços e propagando o entendimento do que é a transexualidade, sendo aliados nesse embate contra a discriminação e crimes que os afetam no cotidiano.

Que esse estudo tenha iniciado um aprofundamento ao olhar dado a singularidade de cada pessoa, não às resumindo em ser pessoas trans mas olhando para suas singularidades, dores, felicidades e enfrentamentos e procurando entender como foi a sua trajetória apesar dos desafios e o que foi enfrentado.

Esse estudo visa que outros estudos possam se ramificar e se aprofundar nas temáticas levantadas e se abrangendo de um público maior.

Referências

Acharán, José Tomás Ossa & Sousa, Daniel (2014). Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In: Feijoo, Ana



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Maria Lopes Calvo de; Lessa, Maria Bernadete. (Orgs.).
Fenomenologia e Práticas Clínicas. Edições IFEN, 2014.

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020).
Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. Rio de Janeiro.
Boletim nº 03/2020.

APA–American Psychological Association (2014). Answers to your
Questions About Transgender People, Gender Identity and Gender
Expression. American Psychological Association.

Bauer, Greta R. et al. (2015) Intervenable factors associated with suicide
risk in transgender persons: a respondent driven sampling study in
Ontario, Canada. *BMC Public health*, v. 15, n. 525,

Bowlby, John (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. Martins
Fontes.p.64

Brasil (2011). Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria nº*
2.836, de 1º de dezembro.

Butler, Judith (2017). Brito, R. C. & Koller, Sylvia Helena (1999)
Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In:
Carvalho, Alysson Massote (org.). *O mundo social da criança:*
natureza e cultura em ação. Casa do Psicólogo.

Butler, Judith (2017). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da*
identidade. Civilização Brasileira, 2017.

Castro, Ewerton Helder Bentes de A filosofia de Martin Heidegger. In:
Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Fenomenologia e*
Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. – Appris, 2017, p.
17-26.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a
pesquisa em seus en-contros, des-encontros e re-encontros: des-
velando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. de
Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica : o contexto
amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Appris, p. 157-176.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2009) *A experiência do diagnóstico:*
o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da
filosofia de Martin Heidegger – Faculdade de filosofia, ciências e
letras de Ribeirão Preto. USP. Tese (Doutorado), 182p.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Clarck, Cari Jo *et al.* (2019) Mixed methods assessment of women's risk of intimate partner violence in Nepal. *BMC Womens Health*; 19(1): 20, 01 28. <http://doi.org/10.1186/s12905-019-0715-4>

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, Brasília,

Ferreira, Breno de Oliveira *et al.* (2017) Vivências de travestis no acesso ao SUS. *Physis*, v. 27, n. 4, p. 1023-1038. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312017000400009>

Forghieri, Yolanda Cintrão (2011) *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. Pioneira Thomson Learning.

Freitas, Maria Lucia Coelho (2019). Transgêneros e violências: análise as políticas públicas de enfrentamento à transfobia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador.

Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010) *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Fim do Século.

Gomes, Kássia Karina Amorim & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2016) Compreendendo a vivência de crianças com câncer através da Fenomenologia. *Ayvu: Revista de Psicologia* (pp. 94-121), 2(2), <http://doi.org/10.22409/ayvu.v2i2>

Hancock, Kristin A. & Greenspan, Karen (2010). Emergence and Development of the Psychological Study of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Issues. In: Chrisler, Joan C.; McCreary, Donald R. *Handbook of Gender Research in Psychology*. Volume 1: Gender Research in General and Experimental Psychology. Springer.

Heidegger, Martin (2003). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Tradução Marco Antonio Casanova. – Forense Universitária.

Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Vozes: Editora Universitária São Francisco.

Henriksen, L. *et al.* The Safe Pregnancy study - promoting safety behaviours in antenatal care among Norwegian, Pakistani and Somali pregnant women: a study protocol for a randomized controlled trial. *BMC Public Health* 19, 724 (2019). <http://doi.org/10.1186/s12889-019-6922-y>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Jesus, Jaqueline Gomes de (2012). Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2012.

Lanz Letícia (2015). O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. *Transgente*, 446 p.

Legisweb (2017). Resolução CECD/LGBT N° 6 de 21/02/2017.

Longaray, Deise Azevedo; Ribiro, Paula Regina Costa (2016). Travestis e Transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. *Estudos Feministas*, v. 24, p. 761-784.

Louro, Guacyra L. (Org.). (2018) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

Martins, Rosimeire de Carvalho (2010) *Jovens mulheres Vitimadas: abuso sexual, sofrimento e resiliência*. Curitiba: Juruá, 2010

Mendos, Lucas Ramon (2019) State-Sponsored Homophobia International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association: ILGA, March.

Merleau-Ponty, Maurice (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – Editora WMF Martins Fontes.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2014) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Miskolci, Richard (2012) *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Modesto, Edith (2013). Transgeneridade: um complexo desafio. *Via Atlântica*, n. 24, p. 49-65, dez. 2013.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.

Porto, Rafael Luiz de Aguiar (2020) *Subjetivação, feminilidade e corpos (trans)formados em tempo de Aids: a escuta de mulheres transgênero*. In: *Pluridimensionalidade em Psicologia*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Fenomenológica : o contexto amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Appris, p. 105-130, 2020.

Preciado, Beatriz (2014) *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. N-1 edições.

Reis, Toni (Org.) (2018) *Manual de Comunicação LGBTI+*. Aliança Nacional LGBTI/GayLatino.

Sampaio, Juliana Vieira & Germano, Idilva Maria Pires “Tudo é sempre de muito!”: produção de saúde entre travestis e transexuais. *Rev. Estud. Fem.*, v. 25, n. 2, p. 453-472, 2017. <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453>>.

Silva, Glauber Weder Dos Santos (2016) Existências dissidentes e apagamentos: fatores associados à ideação suicida em pessoas transgênero. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde.

Silva, Jonileide Mangueira da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2015) Ela tem peito, sou des-peitada: muito prazer: sou mastectomizada. *Ayvu, Revista de Psicologia*, 2(1), 47-83, 2015. <http://doi.org/10.22409/ayvu.v2i1>

Silva, Tomás Tadeu & Hall, Stuart (2013) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes.

Simpson, Keila S. (2015) Transexualidade e travestilidade na Saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Transexualidade e travestilidade na saúde.

Soares, Ewelem Souza & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-academia. In: *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica* : o contexto amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Appris, p. 63-82.

Souza, Ematuir Teles de; Sposito, Sandra Elena (2019). A Atuação Das(os) Psicólogas(os) Em Relação Às Pessoas Travestis e Transexuais e o Posicionamento Ético-Político a Partir da Resolução cfp nº 01/2018 In: Sousa, Ematuir Teles de; Amaral, Marília dos Santos; Santos, Daniel Kerry dos.. *Psicologia, travestilidades e*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

transexualidades: compromissos éticopolíticos da despatologização.
Tribo da Ilha.

SPM – Secretaria de Políticas para as Mulheres (2020). Dia Nacional da Visibilidade Trans: entenda quais os direitos que a legislação brasileira garante a travestis e pessoas transgênero.

Stotzer, Rebecca L. (2007) Comparison of hate crime rates across protected and unprotected groups. University of California, School of Law

Transgender Europe (2016). Informe anual del TMM 2016. 2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg: Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas. Serie de Publicaciones TvT, v.15.

Venosa, Sílvio de Salvo (2016). Direito Civil. Parte Geral. 16ª ed., Atlas, p. 209.

World Health Organization (2018) The 11th Revision of the International Classification of Diseases.

Recebido: 03-2023 Aceite: 31-05-2023 Publicado: 01-07-2023

Autores

Gleicy Braga da Costa

Graduanda em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista voluntária no Projeto de Iniciação Científica Da im-possibilidade me fiz possibilidade: história de dores, amores e superação na vida de pessoas transgênero na cidade de Manaus. Estagiária na Delegacia Especializada em crimes contra a mulher Norte/Leste (DCCM Norte/Leste. E-mail: gleicy.beh@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1701-5877>.

Izabele Silva do Nascimento

Graduanda em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista voluntária no Projeto de Iniciação Científica Da im-possibilidade me fiz possibilidade: história de dores, amores e superação na vida de pessoas transgênero na cidade de Manaus. Estagiária na Delegacia Especializada em crimes contra a mulher Norte/Leste (DCCM Norte/Leste. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9262-507X>

Márcia Gabriela França Gentil



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Graduanda em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Estágios realizados no Centro Municipal de Atendimento Sócio pedagógico (CEMASP), Setor Psicossocial Forense – Coordenadoria Psicossocial Jurídica do Tribunal de Justiça do Amazonas, Fórum Henocho Reis. Pesquisadora no Projeto de Iniciação Científica A trajetória escolar de estudantes ribeirinho do ICSEZ / Parintins E-mail: marciafgentil@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1297-7332>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>